



Cores, sentimentos e sabores: vivência sensível na cidade de Goiás

Colores, sensaciones y sabores: una experiencia sensorial en la ciudad de Goiás

Kátia Alves Melo Tostes¹

<https://orcid.org/0009-0007-2473-2045>

Data de submissão: 27/04/2026

Data de aceite: 22/05/2026

Resumo

O presente relato descreve a experiência vivenciada durante a imersão na cidade de Goiás, proposta na disciplina de História e Filosofia do Ensino de Ciências, sob orientação dos professores Dr. Welson Santos e Dr. Marcos Barros. O objetivo principal foi explorar o patrimônio histórico e cultural da antiga capital, reconhecendo suas conexões entre ciência, arte e educação, fundamentadas no ensino baseado em evidências, a partir de uma perspectiva sensível e reflexiva. A metodologia consistiu em visitas guiadas e não guiadas a espaços simbólicos, como o Colégio Sant'Ana, o Chafariz de Cauda, o Museu Cora Coralina, o Quilombo Alto Santana, o Palácio Conde dos Arcos, o Museu das Bandeiras e o Museu de Arte Sacra da Boa Morte. Cada local foi interpretado como um laboratório vivo de aprendizagem, onde a história e as experiências pessoais se entrelaçaram. Os resultados revelam que a vivência promoveu uma profunda ressignificação da prática pedagógica, reforçando a importância da escuta, da afetividade e da valorização das memórias e identidades locais no ensino de ciências e matemática. Conclui-se que o contato direto com os espaços históricos amplia a compreensão crítica sobre a formação docente, despertando olhares mais humanos, poéticos e transformadores sobre o processo educativo.

Palavras-chave: Educação. Patrimônio histórico. Ensino de Ciências. Memória. Experiência sensível.

Resumen

¹ Universidade Federal de Uberlândia. Mestranda no Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática, UFU. katia.tostes@ufu.br





Este informe describe la experiencia vivida durante una inmersión en la ciudad de Goiás, propuesta en el curso de Historia y Filosofía de la Didáctica de las Ciencias, bajo la guía de los profesores Dr. Welson Santos y Dr. Marcos Barros. El objetivo principal fue explorar el patrimonio histórico y cultural de la antigua capital, reconociendo sus conexiones entre ciencia, arte y educación, a partir de una enseñanza basada en la evidencia, desde una perspectiva sensible y reflexiva. La metodología consistió en visitas guiadas y no guiadas a espacios simbólicos, como la Escuela Sant'Ana, la fuente Chafariz de Cauda, el Museo Cora Coralina, el Quilombo Alto Santana, el Palacio Conde dos Arcos, el Museo Bandeiras y el Museo de Arte Sacro de Boa Morte. Cada lugar fue interpretado como un laboratorio de aprendizaje vivo, donde la historia y las experiencias personales se entrelazaron. Los resultados revelan que la experiencia promovió una profunda resignificación de la práctica pedagógica, reforzando la importancia de la escucha, el afecto y la valoración de las memorias e identidades locales en la didáctica de las ciencias y las matemáticas. Se concluye que el contacto directo con espacios históricos amplía la comprensión crítica de la formación docente, despertando perspectivas más humanas, poéticas y transformadoras sobre el proceso educativo.

Palabras clave: Educación. Patrimonio histórico. Enseñanza de las ciencias. Memoria. Experiencia sensorial.

Introdução

A cidade de Goiás é mais que um patrimônio histórico: é um território de sentimentos, sabores e cores, o que nos remete aos nossos antepassados. Na imersão proposta pelo professor Dr. Welson Santos² e Dr. Marcos Barros³, o objetivo foi o de vivenciar a cidade como campo de observação, inspiração e ressignificação, percebendo em sua arquitetura, cores e as conexões entre história e ciência. A disciplina propôs a reflexão da prática educativa baseada em evidências e nos leva enquanto professores a uma reflexão da nossa prática pedagógica, a fim de que façamos uma análise de nós mesmos. Cada registro produzido: fotografia, som, desenho ou anotação foi um exercício

² Welson Barbosa Santos é professor da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), com doutorado em Educação pela UFSCar e pós-doutorado pela UNESP. Coordena o Laboratório de Ensino (LAEN) e o grupo de pesquisa GPEMCES, com foco em formação docente, ensino de ciências, masculinidades, subjetividades e vulnerabilidades sociais.

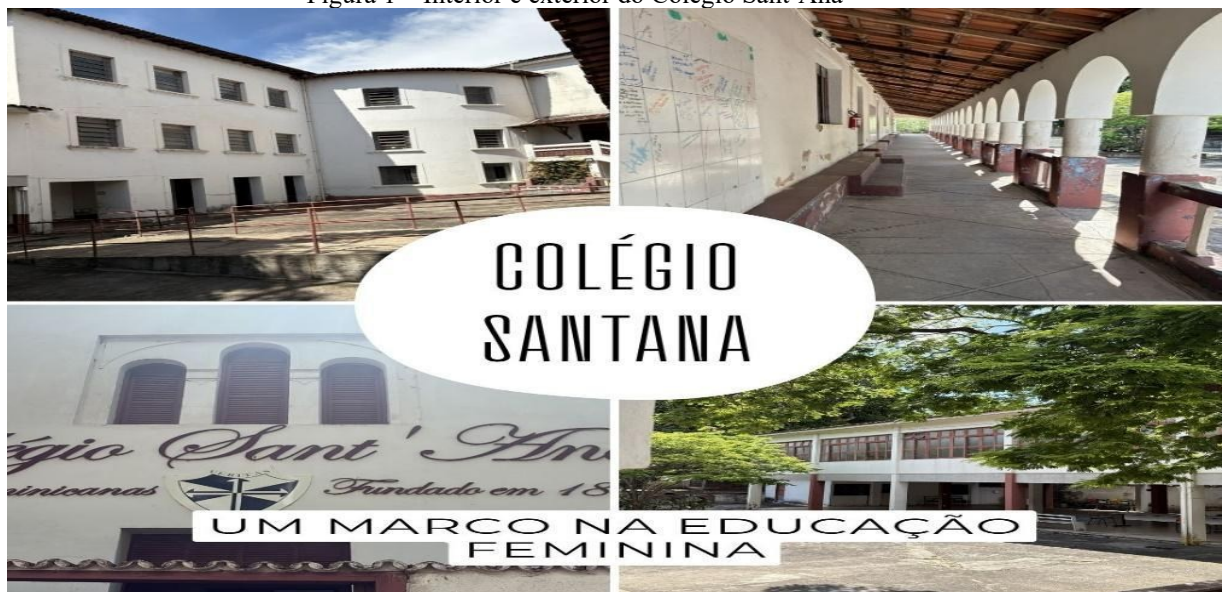
³ Marcos Barros é professor do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), com doutorado em Ensino das Ciências e pós-doutorado pelo *King's College London*. Atua com metodologias de aprendizagem sensível, pedagogias decoloniais e tecnologias digitais, integrando experiências de formação docente inclusiva, antirracista e imersiva.



de escuta e interpretação, em busca da presença viva da história e da ciência nas construções, nos elementos naturais e nos gestos cotidianos. Nossa reflexão iniciou com a leitura do livro de Faoro – *Existe pensamento político Brasileiro?* E de textos e artigos da autora Rosa Maria Bueno Fischer.

Atividades realizadas

Figura 1 – Interior e exterior do Colégio Sant’Ana



Fonte: Autora, 2025

O Colégio Sant’Ana é um marco da educação feminina em Goiás. Fundado em 1879 pelas Irmãs Dominicanas, o colégio foi um dos primeiros internatos do estado voltado à formação de meninas, num tempo em que a instrução feminina ainda era rara.

Suas paredes guardam ecos de vozes infantis, preces suaves e histórias de muitas crianças órfãs. Por seus corredores, passaram gerações de meninas, aprendendo não apenas letras e números, mas também valores de disciplina, fé e sensibilidade. As paredes e salas do colégio remetem à história intrigante daquela época e nos levam a pensar sobre a relevância do nosso papel no cotidiano dos alunos. Essa imersão acadêmica proporcionou uma análise crítica da minha trajetória pedagógica, desde a sala de aula até



a atuação atual na gestão escolar. Acredito que não somos apenas transmissores de conteúdo, mas sim facilitadores do protagonismo estudantil. Afinal, a vida é um laboratório constante. Assim, é essencial romper com o modelo tradicional de ensino e levar os alunos para além das quatro paredes — seja em um banco de praça ou em uma roda de conversa no chão — para que assumam o papel principal em suas histórias de vida.

Atualmente, o colégio sedia um *campus* da Universidade Federal de Goiás (UFG), promovendo uma reflexão sobre os diversos aspectos que compõem a história desse lugar. Faz-nos imaginar tudo que os alunos e alunas vivenciaram quando por ali passaram. Essas trajetórias – algumas contadas e outras silenciadas ao longo do tempo, remetem-nos ao pensamento de Faoro sobre como nossas raízes históricas e políticas aprisionam a escola numa lógica de dominação. Isso explica por que o ensino, muitas vezes, não se converte em vivência libertadora.

Figura 2 – O Chafariz



Fonte: Autora, 2025.

Situado no coração da cidade, o Chafariz de cauda – construído por mãos escravizadas e por mestres pedreiros portugueses – abastecia as casas com água, era o



local onde as mulheres lavavam roupa, conversavam, trocavam histórias e o povo se reunia. Fico imaginando que cada gota está impregnada de memórias de uma colonização amarga e cercada por exploração. As águas refletem o céu e as casas coloridas, mas escondem a contaminação que a história ainda lembra, como se a própria memória da cidade estivesse presente nessas águas: em cada canto visitado são sentidas as dores do passado e a grandeza que esse povo exala. Reproduzimos ali a mesma história ao nos sentarmos ao chão, produzimos nossa essência e dialogamos sobre histórias de vida que cada um carrega, repletas de gratidão por vivências enraizadas na infância. Retomar nossas raízes e refletir sobre elas nos torna mais donos de nossa própria história e nos permite assumir nosso protagonismo.

Figura 3 – As raízes curam, o saber transforma



Fonte: Autora, 2025.



Ali atrás da Catedral de Sant’Ana, vive a lendária raizeira Maria Luiza, cercada de ervas secando ao sol e guardiã dos saberes da terra. Ela representa uma tradição ancestral de cura e espiritualidade: mistura de fé, ciência popular e o toque da natureza.

Dona Maria Luiza conhece cada folha, cada raiz, cada aroma. Sabe qual planta cura o corpo, qual acalma a alma e qual protege a casa. Seu quintal é um laboratório natural, um santuário de saberes que atravessaram gerações.

Durante a visita, o aroma das ervas e as histórias nos envolvem. Dona Maria Luiza fala com doçura, mas com firmeza, lembrando que “a planta cura quando a gente acredita nela” e “a medicina da floresta que resiste ao esquecimento”. Exala em suas palavras a sabedoria e o amor pelo que faz pelas pessoas, pelas comunidades e por quem a visita. Uma mulher à frente de seu tempo que lidera a pastoral da saúde e dirige a casa do agricultor. No documentário *Entre raízes e saberes* (www.entreraizesesaberes.com.br), o qual conta sua história, pudemos assistir com o coração apertado e cheio de gratidão, sobre a detentora de um conhecimento ancestral importantíssimo. É a história de alguém que vive e age em prol da comunidade, de alguém que escolheu dedicar-se a uma vida em comum. Por sinal vale muito a pena a visita, não só pelas histórias contadas, mas pelas receitas ali disponibilizadas.

Dona Maria Luiza me fez voltar à minha infância: minha avó, também raizeira, sempre me presenteava com suas histórias e crenças. Fazia para os netos o lombrigueiro, o chazinho, o xarope e, com toda sua fé, nos curava. Saí dali com os olhos marejados e o coração cheio de gratidão por poder viver esse momento. Esse entrelaço entre disciplina e vivência, remete-nos à Fischer (2001; 2010) que destaca que, no ambiente escolar, a “vivência” (*experience*) não é apenas receber conteúdo, mas a constituição de identidade(s), mediação de saberes, interação entre sujeito e instituição, entre sujeito e saber.

Às margens do Rio Vermelho, está localizada a Casa Velha da Ponte, onde nasceu Cora Coralina – a poetisa do doce e da palavra. Transformada em museu em 1989, a casa mantém suas telhas antigas, as portas azuis e o som da água que passa logo abaixo onde Maria grampinho dormia todas as noites.

Ali estão expostos suas cartas, objetos pessoais, utensílios de cozinha e manuscritos. Cada cômodo revela a simplicidade da vida de Cora e a grandeza de sua



poesia. Para uma mulher à frente de seu tempo, há vários troféus e medalhas em reconhecimento ao seu legado. O lugar é permeado de histórias narradas por guias, que sempre remetem ao quão grande de coração a poetisa foi. temos também as histórias de seu Vicente seu amigo e de sua grande amizade entre ela e Maria grampinho, histórias ditas e não ditas que ao longo do tempo permanecem vivas em seu Museu.

Figura 4 – Museu de Cora Coralina – Casa Velha da Ponte



Fonte: Autora, 2025.

No quintal, sentimos o tempo suspenso, nostalgia pelos elementos de seu tempo: as pedras da rua, o rio ao fundo e a sensação de que Cora ainda está ali, escrevendo versos sobre mulheres fortes, sobre o sertão e sobre a coragem de recomeçar. Tanto Cora Coralina quanto Rosa Maria Bueno Fischer são mulheres que ensinam pela experiência e pela sensibilidade. Cora o faz com versos e memórias; Fischer, com textos e conceitos. Ambas mostram que aprender é viver e sentir, que educar é partilhar experiências e que a sabedoria verdadeira nasce do encontro entre o saber e a vida “com o corriqueiro”, como diria Cora.

Dentre tantos poemas de Cora os de que gosto mais são: “A estrada é sua, e somente sua. Outros podem andar ao seu lado, mas ninguém pode andar por você” (Cora Coralina, 1987) e “O saber se aprende com os mestres. A sabedoria, só com o corriqueiro da vida.” (Cora Coralina, 1965). Esses dois poemas refletem o meu jeito de viver a vida.

O Quilombo Alto Santana, da cidade de Goiás. O Bairro Alto Sant’Ana foi certificado pela Fundação Cultural Palmares, em 30 de outubro de 2017, como quilombo



urbano. Historicamente marginalizada, a comunidade, situada na região que recebe a nomeação pejorativa de “chupa osso”, já esteve em situação de extrema vulnerabilidade social.

Figura 5 – Quilombo Alto Santana



Fonte: Autora, 2025.

Iniciamos nossa visita com um bate-papo com a Fernanda Farias dos Santos, atual presidente da Associação do Quilombo Alto Santana, atua na comunidade e na defesa da identidade cultural e dos direitos territoriais da comunidade. Ela nos descreveu como o quilombo foi reconhecido e as batalhas que ainda são travadas para se instalarem em suas propriedades. O local guarda vários relatos de um povo que foi explorado ao longo do tempo. Um exemplo é a rua que antes se chamava “Chupa Osso”, pois a população pegava os ossos no abatedouro para tirar o pouco que restava para a alimentação. Cada família ia cercando seu espaço, denominado “parcela”, utilizado para plantar e produzir seu próprio sustento. Entre as históricas e artesanatos de Dona Chica e Dona Didi, foi gratificante sentar e ouvir Dona Didi nos contar sua história, cercada de exploração, ensinamentos e,

também, gratidão. Cabe destacar que a lavanderia ainda resiste ao tempo: lugar onde os quilombolas lavavam roupa e tiravam seu sustento, assegurando a sobrevivência da comunidade.

Figura 6 – Quartel do 20



Fonte: Autora, 2025.

A visita ao Quartel do 20 nos mostra que pouca coisa mudou, ou nada mudou, ao longo do tempo, o prédio não mais cedia um batalhão do exército, o espaço já ocupou a Secretaria Municipal de Educação e atualmente funciona como um espaço de visitação. Sua arquitetura nos mostra o controle que ultrapassa gerações, a começar por possuir apenas uma porta, ou melhor, a entrada e a saída ocorrem em um mesmo lugar. As janelas são todas voltadas para o pátio ou para o centro e há duas torres de observação. Se observarmos, a grande maioria das escolas e presídios têm esse mesmo formato arquitetônico. Isso é uma clara demonstração de controle, doutrinação e obediência. Nessa perspectiva, uma reflexão: as salas de aulas na atualidade têm esse formato; logo, cabe a nós sairmos desse modelo imposto e arcaico para buscar, até mesmo ao redor da escola, novas práticas pedagógicas a fim de quebrar paradigmas.

Figura 7 – Casa do Anhanguera



Fonte: Autora, 2025.

A Casa do Anhanguera representa um museu vivo! Além de exalar histórias, ela nos abraça com seu encantamento. Fomos recebidos pelo proprietário Sr. Leonardo, que nos presenteou com uma aula de história. Em cada cômodo da casa e sobre cada objeto foi uma explanação acerca de suas origens, seu tempo e seu valor. Durante a narrativa foi nos apresentando com riqueza de detalhes: mesas, cadeiras, poltronas, camas, painéis, guarda-roupas, peças de alto valor financeiro que carregam lembranças do tempo da colonização do Brasil. Percebi nos olhos e na fala do proprietário a importância de se preservar a história de um povo e de uma família, principalmente essa que a qual pertence. Assim, justifico o encantamento de cada momento vivenciado ali naquela visita. A casa pertencia a seus avós e ele fez questão de preservar a arquitetura, as cores, cada cômodo

e até o jardim. Enfim, uma experiência que devemos reproduzir em nossas aulas – trazer esse prazer e encantamento pelo conteúdo que transmitimos aos nossos estudantes.

Figura 8 – Palácio Conde dos Arcos, Antigo Palácio dos Governadores.



Fonte: Autora, 2025.

Erguido em 1751, o Palácio Conde dos Arcos foi a sede do governo da então capital da Província de Goiás. Sua imponência barroca domina a Praça do Coreto e suas varandas já abrigaram discursos, decisões políticas e visitas ilustres. O nome homenageia o Conde dos Arcos, D. Marcos de Noronha e Brito, governador da Capitania de Goiás. O prédio, de arquitetura simétrica e telhado em quatro águas, foi construído por escravizados e artesãos locais, em pedra e cal. Aqui tivemos uma visita guiada pelo simpático Sr. José Filho que mostrou todos os cantos do palácio com clareza e bom humor. Cada cômodo nos dirigia a partes da história dos seus moradores. Suas grandes salas, cada qual com objetos de seu tempo e de sua corte, sempre nos remetendo ao poder que se instituiu ali. Com muito glamour em cada espaço, fomos sendo guiados e aprendendo sobre as

histórias daquele palácio grandioso. Encerramos a visita com nossa colega Yane nos dando uma palinha ao piano.

Figura 9 – Museu das Bandeiras: exploração e opressão



Fonte: Autora, 2025.

Localizado na antiga Casa de Câmara e Cadeia, o Museu das Bandeiras é um dos mais importantes do estado. Fundado em 1949, ele guarda documentos, armas, mapas e objetos que narram a saga dos bandeirantes paulistas — aqueles que, movidos pela busca do ouro, abriram caminhos pelo sertão goiano no século XVIII.

No andar superior, estão as salas administrativas e os salões de exposição; no térreo, as antigas celas, escuras e úmidas – testemunhas do sofrimento dos escravizados e dos presos da época colonial. O museu é um espaço de memória e reflexão: nele se entrelaçam as glórias da exploração e as sombras da opressão. Cada vitrine conta uma parte da



história da formação de Goiás, uma história feita de conquistas, mas também de silêncios, os quais são perceptíveis em cada cômodo onde as celas foram abrigadas. Uma lembrança persistente é a escada de muitos metros de altura, visto que por ali, provavelmente, jogava-se o “kit sobrevivência” que, pelas leituras, era oferecido em intervalos curtos. As celas abrigavam vários presos sem qualquer estrutura; até procurei com o olhar se tinha um banheiro, mas não encontrei. É difícil imaginar onde as necessidades fisiológicas eram feitas. Enfim, que lugar hostil!

Figura 10 - Percursos e descobertas pelas andanças em Goiás



Fonte: Autora, 2025.

O percurso iniciou-se pelas ruas de pedra do centro histórico, já na primeira hora da programação da disciplina. Fui andando pela cidade ainda desconhecida, imaginando o que vivenciaria nos próximos dias, casarões centenários, artesanatos belíssimos feitos de barro e produzidos pelos artesãos locais. As pedras desgastadas pelo tempo, a cidade pacata e as casas antigas também simbolizam a resistência. Cada loja de artesanatos e



doces nos levava de volta ao passado, especialmente pelos doces que minha avó fazia, o que me fez lembrar de minha infância.

Os almoços no mercado sempre ocorriam cercados por muita partilha. Ali íamos nos conhecendo, contando nossas histórias e trocando vivências. Como foi bons esses momentos! Desse modo, pudemos nos conhecer e viver a história do outro, nos colocarmos no lugar do outro.

Lá no alto do lado da Igreja Nossa Senhora do Rosário se encontra a benzedeira Dirce. Aproximei-me e pedi sua bênção, com muito carinho me chamou na próxima sala e me abençoou, tirou meus “maus olhados”. Coincidentemente, Maria do Rosário era o nome de minha avó. Sai de lá leve e com a esperança renovada, por poder vivenciar um momento grandioso desse e recordar momentos com minha avó paterna foi emocionante. Sempre que tinha alguma necessidade, ligava para ela e falava “Avó reza por mim”, e vovó dizia assim “Vovó já te benzeu daqui”. Gratidão dona Dirce! Que continue a espalhar suas bênçãos por onde for. Que momento, que emoção aquela manhã me agraciou.

Figura 11 - Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte



Fonte: Autora, 2025.

O Museu de Arte Sacra da Boa Morte, localizado na cidade de Goiás (antiga Vila Boa de Goiás), é um dos espaços mais emblemáticos e comoventes da cidade, pois une fé, arte e história em um mesmo cenário. Ele funciona dentro da Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte, um templo do século XVIII, construído durante o ciclo do ouro, período em que Goiás era um importante centro minerador do interior do Brasil. O nome “Boa Morte” vem da devoção à Nossa Senhora da Boa Morte, santa protetora da passagem da alma para a vida eterna. Era muito cultuada entre os fiéis do período colonial, especialmente por mulheres e por pessoas que viviam nas margens da sociedade – escravizados, libertos e pobres que buscavam conforto espiritual diante das dificuldades da vida terrena. Visitar esse local nos traz a energia de um lugar sagrado, pois há várias imagens e itens da época em que a igreja exalava pedras preciosas, ouro e poder. Cada qual representa uma época, um sentido e um valor. Ali também se encontram restos mortais, representando a época da história em que quem tinha posses era enterrado nas



igrejas. Demonstrando que a fé e o poder andaram juntos por muito tempo, mas hoje nem tanto.

Considerações finais

A experiência vivida na cidade de Goiás foi mais do que uma simples visita técnica foi uma imersão na história, na cultura e na essência de seus habitantes que habitam cada espaço daquela cidade. Caminhar por suas ruas de pedra, ouvir as vozes das pessoas que preservam os saberes antigos e tocar os vestígios do passado permitiu ressignificar o meu olhar sobre o ensino e sobre o papel do educador. Cada parada, seja no Colégio Sant'Ana, no Chafariz, no Quilombo Alto Santana, nas casas-museu ou nos espaços sagrados nos trouxe lições de resistência, pertencimento e sensibilidade.

A vivência possibilitou compreender que o ensino de ciências e a formação docente não se limitam às teorias ou às práticas de sala de aula. Eles se constroem também na escuta, no olhar atento, na empatia e no reconhecimento dos saberes populares que dão sentido à vida. A cidade de Goiás se apresentou como um grande laboratório vivo, onde a história se mistura com o presente e ensina sobre humanidade, ética e cuidado com o outro. Pudemos perceber o quão explorado foi o povo que habitou a cidade durante o período de colonização e que os reflexos dessa ação ainda atingem seus descendentes.

Do ponto de vista pedagógico, a imersão provocou um movimento de reflexão sobre a minha prática pedagógica, inspirando uma postura mais sensível, crítica e criativa diante do processo de ensino-aprendizagem. Foi possível perceber que o conhecimento ganha potência quando se conecta às experiências vividas, às memórias afetivas e às histórias que moldam nossa identidade.

Como educadora, retorno dessa jornada com o compromisso de cultivar em nossos espaços escolares o mesmo encantamento que a cidade e a disciplina nos proporcionaram: um ensino que valoriza o sensível, o diálogo, o protagonismo dos estudantes e o reconhecimento de que a educação é, antes de tudo, um ato de amor e de resistência. Essa imersão reafirma que a aprendizagem verdadeira acontece quando o saber encontra o sentir e quando o conhecimento se entrelaça à vida.

Nesse sentido, é possível aproximar essa experiência dos pensamentos de Raymundo Faoro (1994) e Rosa Maria Bueno Fischer (2001;2010). Faoro, ao discutir a



formação social brasileira e a relação entre poder e povo, convida-nos a pensar uma educação que rompa com estruturas hierárquicas e elitistas, abrindo espaço para o protagonismo das vozes historicamente silenciadas. Em sua visão, compreender o Brasil exige viver e sentir suas contradições – atitude que aproxima o ato educativo da experiência concreta do cotidiano, da vivência que desperta consciência crítica. Já Rosa Maria Bueno Fischer, ao tratar da educação como experiência de fruição e reflexão, defende um ensino que emerge do contato com o sensível, com a estética e com a vida cotidiana. Para Fischer, o aprendizado ocorre na experiência, no encontro entre saber e sentir, entre razão e emoção. Assim como na cidade de Goiás, onde cada pedra e cada história comunicam saberes, a autora nos mostra que o educador precisa cultivar a escuta, o olhar demorado e o respeito pelos modos de saber que nascem da vivência.

Referências

CORALINA, Cora. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. São Paulo: Global, 1965.

CORALINA, Cora. *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha*. 6. ed. Goiânia: Editora UFG, 1987.

FAORO, Raymundo. *Existe um pensamento político brasileiro?* São Paulo: Ática, 1994.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Televisão & Educação – fruir e pensar a TV*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *A experiência estética e a formação docente*. In: *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 35, n. 3, 2010.

MORAES, Cristina Campos. *A Cidade de Goiás: Patrimônio da Humanidade*. Goiânia: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), 2004.

SANTANA, Antônio. *A Formação de Goiás e as Minas do Sertão*. Goiânia: Kelps, 2010.